

Eleição ignora a grandeza da infância

Os governos não levam a sério a reflexão de Voltaire: “A política tem sua fonte na perversidade e não na grandeza do espírito humano”. A sociedade precisa pensar. O balanço geral das últimas eleições é muito negativo. Não apenas pelas falácias econômicas e as vergonhosas estratégias de marketing usadas para condicionar, a qualquer preço, o comportamento eleitoral da população. Mas, sobretudo, devido à deplorável insensibilidade relativa à infância do país.

Nenhum candidato, em qualquer região, muito menos os que disputaram a Presidência da República, revelou o mínimo interesse em transformar a realidade infernal em que nasce e cresce a maioria das nossas crianças. Nem mesmo a violência cotidiana a que é exposto o período de vida de maior vulnerabilidade foi tema de debates ou item de programas de governo. Bebês continuam nascendo sem condições de segurança, muitos deles abandonados em caçambas de lixo e em bueiros imundos.

Abusos e negligências prosperam em grande número de lares, escolas e outros cenários. O bullying se alastra por todo o sistema educacional. Compromete seriamente o desempenho de expressivo percentual de alunos. Trabalho infantil, lentamente declinante, envolve ainda mais de 3 milhões de crianças no território nacional. Nada disso foi abordado pelos políticos que disputaram votos com o intuito de assumirem mandato nos poderes Executivo ou Legislativo.

O mundo infantil sobrevive no abandono das políticas públicas. É, certamente, a negligência mais grave cometida pelo Estado. A origem das desigualdades que colocam o país num dos piores níveis do ranking mundial está no desprezo a que permanece condenado o ciclo de vida decisivo para a formação do ser humano. As lideranças políticas não podem mais alegar desconhecimento de tão relevante prioridade nem das providências a serem adotadas em defesa da criança. Não lhes faltam informações. Há excelentes propostas de respeitáveis entidades da sociedade civil, sempre relegadas a segundo plano.

A infância é a fase de vida em que se forma o cérebro, desenvolve-se a mente, esculpe-se a personalidade, revelam-se as originalidades e as criatividade potenciais do indivíduo. Além disso, é o período em que são adquiridos os fundamentos, os mecanismos e as singularidades dinâmicas do processo cognitivo, alicerces insubstituível da aprendizagem e da aquisição de competências que qualificam, ao longo do tempo, a todos e a cada um. Tais avanços só podem ser conquistados na infância. Se não, jamais.

O ensino fundamental é importante, porém, não resolutivo. As escolas técnicas são de grande utilidade, mas incapazes de corrigir deficiências de aprendizagem oriundas do menosprezo com que se trata a infância no Brasil. A universidade culmina o processo educacional. Todavia, o êxito de sua finalidade requer cérebros bem formados e jovens bem-educados para expandir potencialidades cultivadas ao longo do crescimento e do desenvolvimento.

Se os recém-nascidos viverem estresse durante a vida intrauterina; se os lactentes não tiverem direito à interação afetiva que merecem; se os pré-escolares permanecerem à deriva da estimulação específica a que devem ser expostos; se os escolares forem meramente depositados em ambientes desqualificados e definidos como escolas; e se os adolescentes passarem pelo ensino médio apenas para cumprir tabela de exigências do sistema educacional, a degradação da sociedade restará incontrolável.

O ambiente terno, seguro, estimulante e comprometido com a expansão plena das virtudes imanentes às criaturas recém-nascidas é a única política pública realmente capaz de pôr fim às iniquidades sociais. Não basta construir creches e escolas sem que o pré-requisito de qualidade dos responsáveis pelos cuidados dessa faixa etária seja estimulado e remunerado à altura do seu valor.

Violência não se resolve simplesmente com aumento de efetivos policiais, armas, viaturas e presídios, tampouco com a redução da maioridade penal. A atrocidade de tão horrenda patologia social somente será revertida mediante ação preventiva eficaz. Vale dizer, por meio de investimentos suficientes, destinados a executar projetos concebidos para erradicar o dantesco quadro que desfigura o universo da infância e gera as desigualdades que empobrecem a nação brasileira.

Essas verdades científicas não vieram à tona na campanha eleitoral. Se os eleitos persistirem bebendo na fonte da perversidade, a grandeza da infância brasileira será valor humano desperdiçado. E a mudança reclamada pelo povo morrerá no discurso.

Dioclécio Campos Júnior é médico, professor emérito da UnB, ex-presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria e representante da SBP no Global Pediatric Education Consortium. E-mail: dicamposjr@gmail.com